ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



KIRIRI

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS

KIRIRI

Autor: Comunidade Kiriri
Editor: Sebastián Gerlic

Patrocínio: bompreço, FAZCULTURA – Programa Estadual de Incentivo à Cultura, Governo da Bahia – Secretaria da Fazenda, Secretaria da Cultura e Turismo
Realização: THYDÊWÁ
Apoio: UNESCO

Os Índios Kiriri das comunidades de Mirandela, Pau Ferro, Marcação e Gado Velhaco são os verdadeiros autores desse livro, os textos e as fotos foram feitos pelos índos Kiriri em Oficinas de Identidade e Expressão Criativa, em agosto de 2002, com a colaboração de Gabriela Saraiva de Melo e Sebastián Gerlic.

O projeto ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS quer registrar seu sincero agradecimento a todo o povo da Nação Kiriri: José Raimundo, Celson, Sandra, Jucélia, Rubinho, América, Maria Jesus, Lucia Maria, Maira, Renato, Claudio, Luciana, Adison, Ailza, Adjame, Cássia, Emílio, Fernando, Adriano, Arurá, Carizu, João, Arundum, Buá, Luciano, Marcelo, Roberto, Alex, Yande, Seu Bonifácio, Seu Ponhetik, Lenilda, Maria, Cacique Lázaro e Pajé José Miguel da França.

Queremos especialmente agradecer ao trabalho de muitos índios de diferentes Nações que dão vida a este projeto: Kariri-Xocó, Fulni-ô, Pankararu, Tumbalalá, Truká, Tupinambá, Xucuru-Kariri e Kaxinawa.

Projeto Educativo Sócio-Cultural: ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS
Coordenação: Sebastián Gerlic
Produção: Cristina Lima
Projeto Gráfico: Luis Henrique
Finalização: Rogério Rios
Produção Gráfica: Cristóbal Fraga
Facilitadora: Gabriela Saraiva de Melo
Consultoria: Derval Gramacho
Administração: Márcia Cardim
Realização: Thydêwá

Agradecemos também a Eduardo Gouveia, Jurema Machado, Djalma Ferreira, Telmo Gavazza, Eduardo Safira, Davi Pita, David Glat, Rosângela Lima, Nicolas Hallet e Luiz Gonzaga.

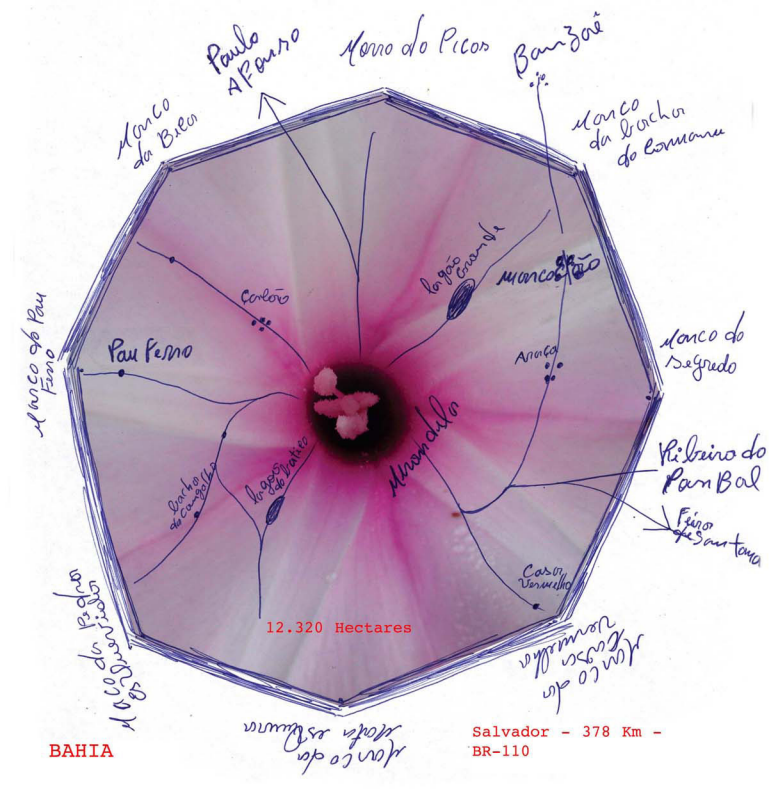
www.visaodosindios.com.br
dosindios@terra.com.br

Trechos desta obra poderão ser citados, desde que mencionada a fonte.

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS



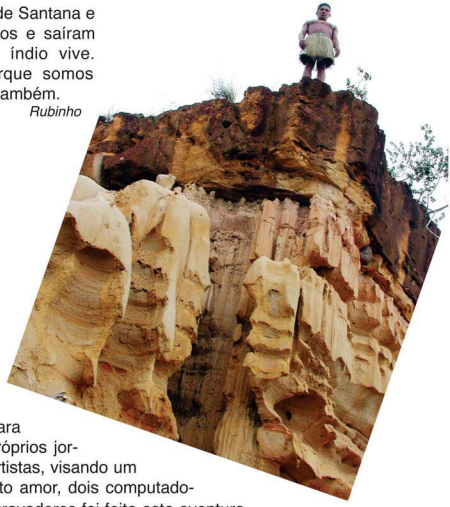
KIRIRI



Somos pessoas de bem e estamos de braços abertos para receber todas as pessoas.
Já vieram muitos de Salvador, de Feira de Santana e de outros lugares. Foram bem recebidos e saíram muito satisfeitos e sabendo como o índio vive. Queremos divulgar nossa cultura porque somos índios de respeito e queremos respeito também.

Rubinho





Entre os dias 16 e 29 de maio de 2002 os indios KIRIRI participaram de oficinas de identidade e expressão criativa para a elaboração deste livro, sendo seus próprios jornalistas, antropólogos, historiadores e artistas, visando um novo olhar de descobrimento. Com muito amor, dois computadores, duas máquinas fotográficas e dois gravadores foi feita esta aventura.

Somos todos casca do mesmo pau

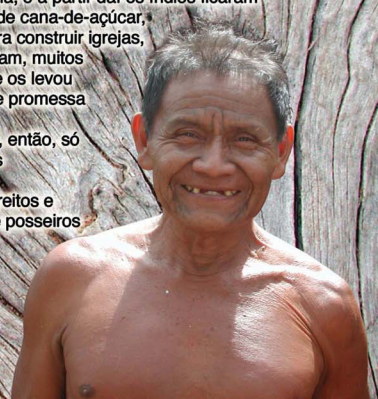
Os KIRIRIS viviam em palhoça ou maloca, na taba, no local chamado SACO DOS MORCEGOS, hoje MIRANDELA.
Depois que chegaram os JESUITAS, para catequizar, trouxeram a missão, forçando os índios fugirem para outras localidades: SACÃO, CACIMBA SECA, BAIXA DA CANGALHA, LAGOA GRANDE, CANTAGALO, que ficavam em redor de SACO DOS MORCEGOS, onde hoje é a Igreja do Senhor da Ascensão.
Os brancos começaram a usá-los como mão de obra barata. Faziam das índias prostitutas e sempre negando a religião dos índios, sua cultura, sua língua, por isso muitos desistiram de usar sua tradição e deixaram de falar seu idioma.
Aproximadamente em 1691 o padre Manoel Correia recebia carta do rei de Portugal, sobre a aldeia de Mirandela, e a partir daí os índios ficaram trabalhando, obrigados, nas fazendas de cana-de-açúcar, sendo escravos, carregavam pedras para construir igrejas, trabalhavam como animais. Muitos fugiram, muitos foram atrás de Antônio Conselheiro, que os levou para a Guerra de Canudos, iludidos pele promessa de rios de leite e montanhas de cuscuz .
Em 1972, fui escolhido CACIQUE e pedi, então, só três coisas: Primeiro de tudo Amor, depois Paciência e Obediência.
Nós percebemos que tínhamos nossos direitos e corremos atrás, não fomos correr atrás de posseiros e fazendeiros e sim, da Justiça, porque a Justiça foi culpada de tudo isso aí, porque o governo sabendo que aqui era terra indígena entregou títulos para os fazendeiros.
A Justiça para nós é um princípio sagrado, porque a gente é justo até com nossos inimigos, nós perdoamos a quem nos ofende e deixamos para instrução, que tem o dever de atender os interesses públicos.

12 DE NOVEMBRO de 1995 foi a retomada definitiva de SACO DOS MORCEGOS, passando a se chamar MIRANDELA.

Tinha mais de 6.000 posseiros de um lado e do outro éramos uns 200 índios, mulheres e homens, só com nossas bordunas, e a gente não se amedrontou, porque sabíamos que os poucos com Deus são muitos e os muitos sem Deus é nada.
A gente viu os posseiros e os fazendeiros arrumando suas coisas e indo embora de caminhão, saindo de uma vez. Eu busquei a indenização para os posseiros e assim ocorreu e continua a ocorrer.
Nós resgatamos nossa terra através da paciência e do amor que temos por ela, porque a terra para nós é sagrada, ela é nossa mãe, porque o índio nasce da terra e depois torna a renascer, porque é um animal-vegetal que só Deus pode conceder.

Em 1996, foi retomado GADO VELHACO, em 1997, foi PAU FERRO que hoje se chama MARCAÇÃO, e, em 1998, CACIMBA SECA, que hoje se chama PAU FERRO.

Cacique Lázaro (1940)





Eu trabalho com amor

Meu nome é José Miguel da França. Sou o Pajé dos Kiriri e trabalho não só com os índios do grupo de Lázaro, mas com qualquer um. Trabalho por todos. Eu trabalho com amor. O importante é que a gente não quer mal para a gente nem para os outros, é um trabalho espiritual, a gente também trabalha qualquer medicina do mato, mas só para quem acredita, acreditando tudo vai p'ra frente. Eu trabalho para qualquer um que tenha a paz e acredite. Eu mesmo tenho a paz e acredito. O importante é a pessoa ser fiel.

A luta para retomar nossas terras custou muito trabalho. O cacique foi buscar os direitos das terras e nós ficamos trabalhando aqui. Nos reuníamos todos na casa de dona Dalta. O cacique foi lá em Tuxá (outra nação indígena, de Rodelas), para pedir orientação, para aprender o Toré. Aí nós começamos... Trabalhamos e trouxemos os cantos de lá, agora nós pegamos os cantos daqui. Nós fazíamos nosso ritual escondido. Nós trabalhávamos na poeira, na chuva, no frio, na fome, só com a força de Deus e nossos protetores.

Nós buscamos nossa verdade e nós temos a nossa verdade nas matas, porque o índio é da mata…







Aprendemos os cantos Tuxá e agora baixou os cantos daqui. Cantando os Encantos chegaram.

Dona Dalta

O mato nos ensina tudo o que podemos fazer. O branco tem o saber dele e o índio também tem o seu saber.



Até hoje meu trabalho vem tirando vitórias. Pisando nos espinhos, pisando na brasa. Graças a Deus, quem chama pelo nosso Pai, que nós chamamos TUPÃ, não é perdido não, ele dá a felicidade. Já tenho uns 35 anos neste trabalho e graças a TUPÃ hoje estou vendo os resultados. Eu educo os índios e mostro o caminho e indo por aí se tem tudo, se tem a verdade.

A vida nas Aldeias



Antes da chegada dos portugueses nós povos indígenas vivíamos espalhados por todo o território que hoje corresponde ao Brasil. Éramos mais de 900 povos. Cada povo vivia de acordo com sua cultura, falando sua própria língua, praticando sua religião. Não existia preconceito, governador, nem presidente. Cada povo tinha suas lideranças, seus conselheiros. Todo problema que surgia era resolvido de acordo com os costumes, a tradição do povo. A forma de organização era comunitária. Não tinha índio passando fome, não existia povo indígena sem terra. Todos viviam bem.

Adjaime



Eu não sei a minha idade

Como diz: "Eu nasci no tempo dos incó".
Quando a gente era pequeno não tinha roça p'ra plantar e a gente comer.
Aí, pai ganhava a mata e trazia incó preto. Incó é um pé de árvore que bota uns cachos de fruta, cheirosinho e que é bom de comer. A gente comia e se melava todo. Mãe pegava a cabacinha para nos lavar.

Também caçava aqueles licuri. Aí, nós tudo pequenininho, com fome, grudava nos coquinho e se melava todo p'ra chupar o licuri maduro, e comia o bichinho que tem dentro (bitu). A gente também quebrava tudo e mãe *caçava* um caldeirãozinho, botava no fogo, enchia, temperava com sal e fritava.
Tinha outros jeitos de comer da licurizeira; se tirava o palmito e levava p'ra mãe. Ela cortava que nem batatinha, botava no fogo, um pouquinho de sal e fazia aquela sopa. Depois de todo mundo comer, dava aquele sono… Quando acordava, pai já tinha ido para o mato cavar aquelas batatonas cabeluda do inhame. Aí, cozinhava, batia e ficava fofinha p'ra comer.


licuri

Trazia também a gravitaia, que nasce no mato e é uma raiz redondinha, e chupava a raiz do umbuzeiro.

Em época de seca, tomava água do gravatá. Cortava a raiz do com o facão e despejava a água em uma cabacinha e bebia.
Tem também um pau que chama canudinho, para os menino beber direto da planta. A raiz do umbuzeiro, meu pai nos dava p'ra chupar e também dava p'ra fazer a cocada dela.


gravatá

Quando já tinha uma rocinha, arrancava uns pé de *manipeba* (mandioca). Mãe ralava e botava em um saco e ficava torcendo p'ra fazer o suco e a gente tomava.
Na volta da roça, pai botava tudo em um bogozão (bogó = bolsa), carregava, assim, na testa, e nós nas costas. Mãe com um cesto para levar as panela, os pratos, cabacinha p'ra água, um potinho, um balde p'ra usar na roça. Tem que levar alguma coisa, *p'rá modi matar a fome e a sede*, enquanto descansa do trabalho na roça.
Antigamente, às vezes, a gente entrava escondido nas roças dos brancos para pegar o que comer.


Dona Mariana e a filha plantando Feijão.

Naquela serra da Fazenda Picos, que era tudo do Mirandinha, nós íamos carregar lenha. Se um vaqueiro dele nos visse tomava os feixes de pau da gente…

Nessa época, nós morávamos na Lagoa Grande, onde ainda tem as


RUÍNAS.

A finada minha avó ensinava rezas e cantava roda…

Ainda hoje eu estou na roça e me lembro da minha avó cantando com a gente: "E sacode mororó, sacode jerejé…"
E ia sacudindo a saia. E a gente arrodiava, grudados na saia dela, e ela rodando e cantando.
Meu pai fazia uns panicuzão de cipó p'ra guardar os legumes das nossas rocinhas.
Era tipo cesta, que tecia e ficava alto, com uma aberturinha na ponta.
Aí mela com bosta de gado para o feijão não escapar.
O mundo está diferente, porque de primeiro, na época dos nossos pais e avós, era um sofrimento.
Não tinha terra p'ra roça, aquilo era tudo dos brancos.
P'ra viver, eles tinham que caçar as coisas do mato para dar de comer p'ra gente. Era dureza. Meus filhos mais novos não sabem o que é fome.
Hoje em dia todo mundo tem sua roça p'ra plantar seu feijão, seu milho, sua mandioca. Aí, guarda e depois já tem tudo pronto p'ra comer.
Antes, ninguém via caboclo cego, aleijado, doente. No tempo dos meus avós, meus bisavôs, os índios dormiam em qualquer lugar, na beira do fogo e acordava tudo cinzentinho, mas com saúde.
O remédio dos índios sempre foi uns pedaços de pau; fazia uns lambedor de jurubeba, sacatinga e outras. Hoje, as doenças são tratadas com remédios de farmácia.

Dona Otávia

Eu sou parente de bode!

Minha mãe me disse que me teve lá na toca. Eu nasci e me criei no alto da serra da Lagoa Grande. Nasci no ano de 1924, dia 23 de outubro.
Quando eu era pequena, minha mãe só tinha a mim sozinha. Eu não tinha com quem brincar. Morava tudo longe um do outro. A única tia que morava mais perto era lá longe, do outro lado do mato.
Eu nunca brinquei de boneca. Minha mãe andava p'ra aqui e acolá e eu sempre com ela. Catando feijão e lá passava a semana para os lados de Pombal e só voltava dia de sábado, e eu com ela, ajuntando o feijão.
Ela trabalhava nas roças dos brancos e quando ia me levava junto.
Mas quando vinha o tempo ruim da seca a gente comia bró, palmito, inhame, tipã.
Tipã é um negócio que nasce no mato, que tem uma cabeça redondinha. A gente arrancava, descascava tudo, ralava e lavava aquela massa, botava no fogo e fazia o beiju para não morrer de fome.
Nesse tempo ruim a gente carregava água de muito longe.
A gente vinha pegar água da Cacimba Seca, do Pau Ferro. Minha mãe é que ia pegar água lá, eu era muito pequena. Ela trazia a água em um pote de barro, na cabeça.
Ela ia de madrugada e voltava umas 8, 9 horas da manhã.
Aí, deixava a água e viajava para o mato para tirar bró (a massa da licurizeira) ou caçar alguma coisa para comer.
A licurizeira cria aquele cacho de licuri. Aí, apanha o licuri e repara se a madeira tem massa.
O pau que não dá massa não serve p'ra fazer o beiju.
Tinha tempos ruins que não tinha nem licuri.

Quando eu não tinha filho ainda, eu trabalhava na roça dos brancos.
Aqui mesmo nessa rua, eu vinha buscar as roupas das mulheres brancas, todos os dias, para lavar.
Na época de inverno tinha que arranjar meio de sobreviver, porque não dava nada na roça. É tempo de plantar para colher uns três meses depois.
Quando eu já tinha família, eu fazia bolo, arroz e muito doce para vender nas festas. Quando dava umas 3 horas da manhã eu já estava com as bacias de bolo tudo assado e jogava a panela na cabeça e viajava para todo o canto para vender. Isso, há uns trinta anos atrás.

Dona Amélia

O Kiriri vive da terra
Planta mandioca, feijão de corda, feijão carioca, batata e milho.







O feijão de corda é bom porque resiste à seca.
Nós também gostamos de plantar maxixe, quiabo e abóbora.





Nós caçamos Tatu, Camaleão, Teiú, Tamanduá, Codornia.



Nós caçamos de ARAPUKA. Bota comida e nahora que o passarinho pisar dentro, já caiu. É Cardeal, Sabiá, Nambu... Nós pegamos pra comer e aproveitamos as penas pra fazer artesanato.







Os costumes da gente é a Natureza

Nossos avós levantavam cedo, pegavam seus arcos e iam para o mato. Matavam um nambu, um preá, um tatu, viviam comendo batatas do mato, tipã, gravitaia, agissaia, salbu (fruta selvagem), mandaunhão, não trabalhavam que nem hoje. Viviam do mato, caçando seus inhames. Depois o branco tomou conta, desmatou a floresta, aí o índio não teve como viver mais. Eles foram tomando as terras do índio, dizendo assim: "Índio, vamos trocar essa terra por uma cabeça de animal!". Depois o branco pegava a terra e dava só a cabeça do animal, não era um animal inteiro, se aproveitava da fome para enganar e pouco a pouco ia tirando nossas terras.

Vou contar a história de meus filhos. Sou pai de nove filhos e nunca entrei no supermercado para comprar uma lata de leite. Eu fazia mingau de farinha de mandioca. Nunca um filho meu adoeceu. Vejo muitas famílias andarem com os meninos bem gordinhos, mas isso não é saúde não, ali é doença, porque aquele pessoal inchado, gordo, isso é doença, é comida drogada, que vem lá de fora. Eu bebia água no gravatá, na cabeça do prego, não bebia água filtrada, hoje em dia bebe água gelada e começa aquela tosse. Agora com isso do estudo vem doutor, enfermeira, hospital, o remédio.
Meu velho tinha sua chapiroca (espingarda) e matava aqueles mocó lá na serra, a gente botava no coco e sapecava ele e botava em uma vasilha, porque nesse tempo de meu pai, de meu avô, era um tempo triste, de necessidades, hoje o pessoal está esquecendo de suas coisas, correndo atrás da comida do branco. Os costume da gente é a parte da Natureza que Deus deixou aqui na terra e nós não podemos trocar essa sabedoria pela sabedoria do branco. Não podemos só estudar e esquecer nossos costumes. O branco quer que a gente esqueça até o nome de Deus, porque nosso direito é levantar e dar benção ao pai e a mãe, isso para lembrar o nome de Deus todo dia. O estudo trás "bom dia pai, bom dia mãe" e faz esquecer o nome de Deus.

Aqui na terra estamos todos juntos, com um Deus só. Nós temos que ser todos por um e um por todos. Nós temos que seguir um caminho. Estamos na beira do abismo, sem promessas para o futuro, muitas pessoas fazendo as coisas erradas, saindo do caminho. Nós temos que conversar, sentar juntos e combinar as coisas.

Sempre a gente ganhou as coisas na palestra, sem violência. O cacique ia guardando os papéis e quando o sofrimento era demais ele corria lá (Brasília) e cobrava o que foi prometido para a gente e quando diziam que não tinham falado isso ele tirava os papéis e mostrava.

Seu Gino



Nós lutamos pelos nossos direitos, pela terra e também pela cultura indígena.

Muitos brancos dizem que nós roubamos terra, mas isso é tudo negativo!

Eu sou índio Kiriri, gosto muito de estudar e aprender de outras culturas.

A minha cultura é ser índio e ser índio para o resto da vida.

POPÓ, 16 ANOS



Nós só lutamos pelas coisas que são nossas.

Todos os Kiriri usam tanga (crenguexê) porque é muito importante para nós.

Esta é a nossa cultura: ser índio!

A gente agradece o nosso sofrimento a Deus, Tupã.



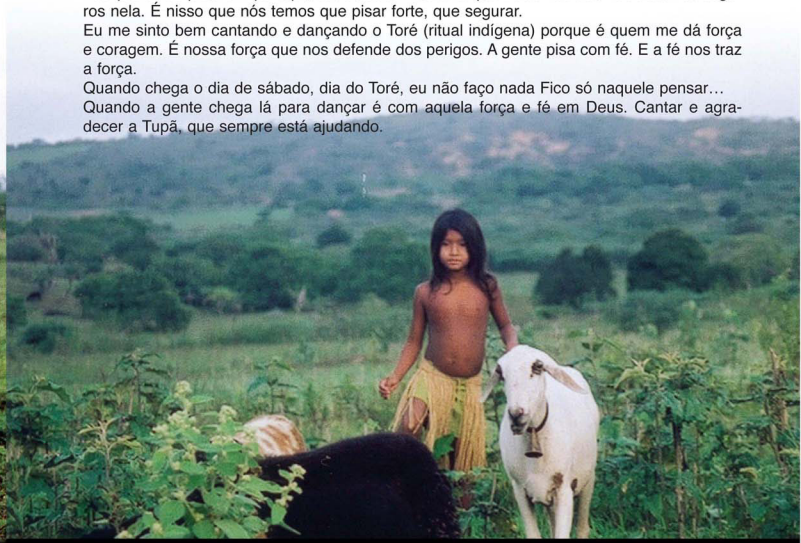
Quantas rodadas a gente não deu por aqueles matos e os posseiros atrás de nós para tirar nossas vidas. Mas nosso pai Tupã é dono de todos, ninguém é mais que nosso pai e é ele que tem nossas vidas. Deus é que nos dá coragem, nos dá aquela força.

A gente tem que pisar firme.

Não podemos pisar um pé aqui, outro acolá. A cultura que Deus nos deu nós estamos seguros nela. É nisso que nós temos que pisar forte, que segurar.

Eu me sinto bem cantando e dançando o Toré (ritual indígena) porque é quem me dá força e coragem. É nossa força que nos defende dos perigos. A gente pisa com fé. E a fé nos traz a força.

Quando chega o dia de sábado, dia do Toré, eu não faço nada Fico só naquele pensar… Quando a gente chega lá para dançar é com aquela força e fé em Deus. Cantar e agradecer a Tupã, que sempre está ajudando.



Quando a gente está cantando muito e está com aquela força, aquela consonância com o que está chegando à gente, podemos acreditar em Deus. É Tupã que está ajudando e mandando toda aquela força p'ra gente.

Dona Edite





A gente nasceu aqui no mato
e estamos no mato ainda;
é o que Deus quer.
Nos tempos dos posseiros
não tinha mato, não.
Era tudo limpo,
Tudo roça
.
Agora é que ficou
mais verde com a
gente aqui.

Quando
a gente
morava
no
mato,
dormia
ao
relento,
curtindo
o sol
do dia
e o
sereno
da noite.

Tudo
mordia
a gente,
mas
não
tinha
esse
negócio
de
mosquito
como
tem nas
casas.



Não estamos acostumados com nenhuma zoada.
Quando temos precisão de ir à cidade, a gente fica azoada. Tem tanta gente, tanta coisa.
Eu mesma não acostumo, de jeito nenhum.
A gente não pode caminhar sossegado, como eu ando aqui em nosso mato.

Dona Edite

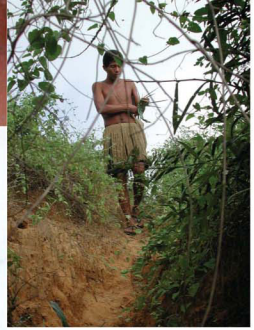
A gente tem que fumar, rezar para pedir nossas forças para o nosso pai Tupã.
Temos que adorar a Terra.
Se a gente não fuma, estamos civilizados.











Chico

é um índio que só se esconde quando vê pessoas de roupas porque ele sabe que são brancos. Se ele vê vestido de tanga ele não corre porque sabe que é índio, também ele diz que não tem medo de nada porque está

acostumado a viver na mata.

Chegamos devagar para que ele não tivesse medo e pegamos ele de



surpresa...

Ele estava cozinhando feijão numa panelinha





ai ele ofereceu licuri para nós,
aceitamos, comemos,



aí, depois tiramos umas fotos da casa dele
e ficamos conversando...



Quando o seu pouco de feijão acaba, o que você come?

Eu saio pela nossa mata a procura de alguma coisa para comer.





Porque você não vem morar em Pau - Ferro?

Por que não gosto e porque sou muito feliz aqui na mata





Durante a reconquista sempre se comia ao meio-dia. Eram duas, três panelas bem grandes. Não sei nem contar quantas pessoas tinha para comer, era todo mundo. Eu botava uns treze quilos de feijão, meio saco de farinha por dia De boca p'ra comer era 300, 400. Não ficava ninguém com fome. Dava p'ra todo mundo.

Ficávamos atrás do cemitério de Mirandela, logo ali, próximo dos brancos, para fazer pressão. Ali, ninguém dormia, não tinha sossego nem de dia, quando mais à noite.

A gente não tinha lugar certo p'ra cozinhar. Ficou mais certo quando fomos p'ra Mirandela.

Próximo da retomada de Mirandela o povo estava todo unido e muito mais nas horas das refeições.

Eles acabavam de comer, aí sentavam e iam conversar os planos…

Quando terminava, tinha um chazinho de erva do mato. Era de Pau Ferrinho, que é bom para o sangue ficar forte.

Eu estava na beira do fogo, mas participava o tempo todo.

A panela estava sempre no fogo. Secava uma panela e já botava outra.

Nós não podíamos comprar tempero, não podia ir para lugar nenhum. Era só sal mesmo, quando dava certo, senão era sem.

A gente costumava brincar dizendo que comia feijão com língua. Mas era a própria língua da pessoa, quando era feijão puro.

E o nosso tempero
mesmo era
pedir a Deus,
coragem,
firmeza e
o pé p'ra frente.

DONA MARIA



Minha mãe faz artesanato. Ela levanta bem cedinho e vai buscar o buã (barro) para fazer o botchê (pote), o aridé (tigela grande e funda) e outros tipos.
Quando as peças estão secas ela leva para o beió (forno). Nós acendemos o beió com o xinguinbê (fogo).



Depois que tudo já está podo (queimado) a gente tira o botchê do beió e leva para a oca e lá a gente deixa guardado p'ra vender na feira. O dinheiro da venda do artesanato a gente guarda para o caso de uma precisão, como comprar algum alimento que a gente necessita.

Eu faço qualquer tipo de artesanato. Faço: ticirindezé, buigu, crenhenhê e outros.
Eu também aprendi a fazer com minha mãe o sutrumuxim (sutiã), que é uma tradição das xatê (mulheres).



Hoje eu me sinto muito feliz! É muito importante, para nós índios, fazer o nosso artesanato e resgatar a cultura dos nossos antepassados, porque eles não podiam usar sua tradição, senão os posseiros os matavam.

YANDE



Quando me entendi, a tradição indígena era o

batalhão

que nós – eu, meu pai, minha mãe – vivíamos trabalhando de enxada, lá na serra do Manenem. Na época, essas terras aqui estavam nas mãos dos posseiros. Essa fazenda que hoje é minha era de Edival Calazans e nós vivíamos trabalhando alugado. O batalhão era uma força onde nós trabalhávamos todos unidos. Na segunda-feira, a roça era comunitária geral, era um dia sagrado, onde todos os índios Kiriri se juntavam. Eram todos juntos cantando o batalhão, e se bebia um vinho de milho, MAIRU, essa bebida faz parte da tradição do índio e esta tradição não pode se acabar. Os mais velhos faziam o MAIRU mastigando na boca, eu já alcancei fazendo no pilão, pisando de dois ou três índios. Não é beber para desmoralizar, para morrer, se souber usar ela é a saúde, como um remédio. Também tinha o ARUPIN, que como o nome diz, é feita da mandioca.

Seu Bonifácio



Oi lá no Calumbi tem um Boi que dá,
O corta, corta, emenda, emenda, e corta que eu vou emendar

Oi lá no Calumbi tem um Boi que dá,
Tamborim de cama e mesa e cadeira de balançar

Oi lá no Calumbi tem um Boi que dá,
Estou com minha dor de dente começando a pinicar

Oi lá no Calumbi tem um Boi que dá,
Quem não tem chaculadeira não toma café nem chá

Oi lá no Calumbi tem um Boi que dá,
Eu não tenho nada disso mais tomo café e chá

Oi lá no Calumbi tem um Boi que dá,
Eu me chamo é dengo-dengo e meu denguinho dengo-dengá

Nossa tradição é o batalhão, que é de enxada na roça, sem instrumentos. Batalhão é na roça, é cantando e limpando o mato ao mesmo tempo. Era um dia em uma roça e ao dia seguinte em outra, agora por causa do trator ninguém está usando mais essa tradição.

Seu Vital

Meu nome é Yucilia mendes Batista
Tenho 16 anos.
moro na Aldeia Marcacão dos Kuikuros.
Antes de vir morar na marcacão, a vida era nas florestas. Nós não Tinhamos casa, mas morávamos em ocas.
Pra viver, Tinha os cocos, e pesca e as plantas para comer: Feijão, milho.
Ai, a gente saia pra estuda e quando voltava da escola enchia os barril de água e levava pra casa. Fazia umas Três viagens por dia pra buscar água. Quando a gente volta da fonte é que iamos descansar.
O Tempo foi passando e nossa vida ficava melhor porque a cada dia ia surgindo mais oportunidade para gente.
Os professores diziam que não iam mais dar aula pra gente porque eles Tinham que acordar muito cedo pois lá era muito longe. mais paramos mesmo de estudar por causa dos conflitos com os posseiros.
Ai nós passamos um tempo sem estudar. Quando voltamos aos estudos foi quando os posseiros Tinham desocupado Wrandula e nós passamos a morar lá.
foi uma luta muito sofrida.
Viemos ocupa a área da Marcacão no inicio de 1998; foi quando voltamos a estudar.

Comecei a segunda série Ja aqui na marcacão e estudei aqui até a quarta série junto com meus colegas.
No outro ano, nós todos fomos estudar aqui na quinta série no colégio em Canzaçá e agora estou na sétima série.
E foi muito bom a gente conhecer os colegas brancos e a Cultura deles e eles também vão descobrindo sobre a gente.
Assim é legal saber como é o branco. o que eles faz sei que eles também gostariam de saber que nós índios fazemos.
Eles pensam que o estudo é só para o branco. mas não. O índio também tem que ter essa capacidade. um futuro na frente. E assim, luta por seus direitos.
Os brancos acham que os índios não tem o direito de estudar como eles, pois eles pensam que a gente não é igual a eles.
Desejo muito sorte para todos os índios. Que eles nunca desistam dos seus sonhos e do que querem para seu futuro. Eu também quero realizar os meus sonhos.
É eu chego me forma e fazer faculdade e se meu pai pudesse me ajudar eu realiza este sonho meu e como ele não tem dinheiro para paga a faculdade. para mim.

um Beijo para todos índios
do mundo em Geral Juim
Yucilia

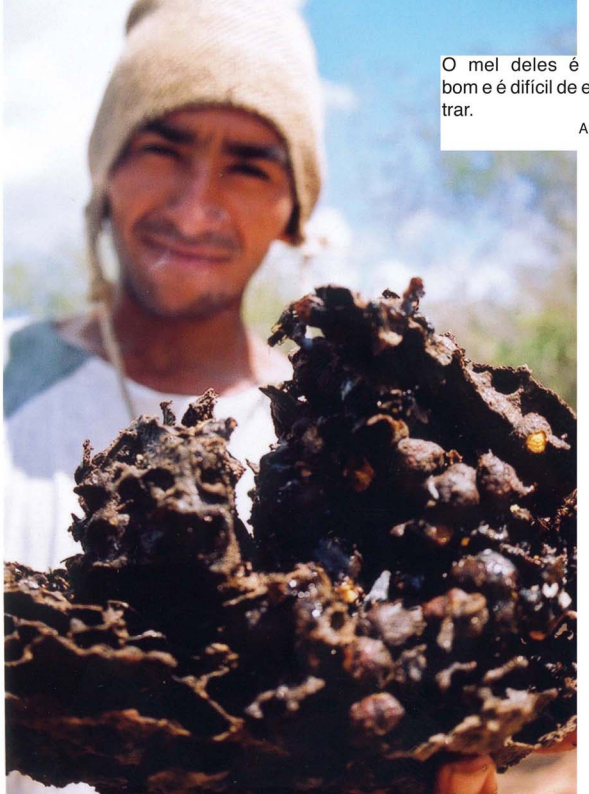
Arapuá





Para tirar o ARAPUÁ, primeiramente se faz um facho de pindoba seca, bota fogo nela e toca lá na boca da entrada dos besouros, corta com uma foice e arrasta para um lugar limpo.
Tem que cobrir os cabelos porque os besouros querem fazer o ARAPUÁ na cabeça da gente.





O mel deles é muito bom e é difícil de encontrar.

Arundum



Eu Zacarias Antônio Leocádio, nasci em 1905, no Tabuleiro Grande, perto de Jeremoabo.

A primeira pessoa que vi!

Eu não comia coisa de roça e nem conhecia gente. Durante 18 anos não vesti roupa, era na casquinha do pau.

Pai foi para o mato e mãe teve quatro resguardos lá, sustentados na fruta: mangaba, murici, cajuí... Secava, pisava e fazia fubá. Comia com carne de tatu e

mel de abelha.

Era tudo feliz, sadio. Não sabia o que era dor de dente, dor de cabeça.

Um dia, passado esse tempo, a gente estava no terreiro da cabana (que era de capim) e ouviu uma zoada arrebentando pau, arrebentando tudo, marcando a nossa cabana. Pai disse assim: "Ali vem uma onça enlinhada com uma rês e vem p'ra aqui!".

Quando viu, era um vaqueiro. Os animais pastavam no terreiro e o vaqueiro parou; era conhecido de meu pai e disse: "Ô, seu Antônio, 'tá por aqui? Eu pensei que o senhor tinha morrido ou descido por Sergipe. Vá se embora p'ra Lagoa Grande meu amigo, que os brancos vem chegando aí e acabando com tudo!"

O vaqueiro trazia comida no lombo do animal e deu para nós. "Êta coisa ruim!" Eu não conhecia sal, nem nada.

Seguindo o conselho do vaqueiro pai veio embora, tratar da rocinha dele. Fez casa, a família cresceu e ficamos aí, na Lagoa Grande. Pai pegou a trabalhar, eu também aprendi a lavoura. E fomos acostumando com as comidas da roça. A Lagoa estava cheia e ele conseguiu umas sementes de arroz e também plantamos maniba (mandioca) e lá vai... Agora esqueci de fruta, pois não tinha na época. Era só comida de roça e bananeira! Mudou. Acostumei e pronto.

Um pai de família casou e então matou um boi e dividiu com toda a vizinhança e anos mais tarde contou para seu filho isso e explicou que depois nunca mais lhe faltou carne.

"Meu filho: no tempo que me casei com sua mãe matei um boi e ainda tenho carne"

Aí o filho chegou na sua casa e falou: "Mulher meu pai diz que desde que casou matou um boi e ainda come dessa carne, vamos matar um também". Aí mataram um e comeram, mas a carne acabou e então foi na casa do pai e reclamou. O pai explicou: "Meu filho, você não soube dividir. Eu matei o boi e dei para todos e sempre tem alguém lembrando de mim e trazendo um pedacinho. Eu estou comendo a carne do boi ainda porque eu dei".

Mão que vai mão que vem. O mundo é bom de viver se a pessoa souber.

Seu Gino



Antigamente não havia doenças.

Nunca vi tantas doenças como hoje em dia. Qualquer problema nós resolvíamos com as ervas, com nosso mato. Para tudo tem remédio no mato, os comprimidos são feito com coisas do mato e drogas. Nossos remédios não têm drogas, só têm a Natureza. Comprimidos intoxicam, eles param a doença, mas não saram, e a erva do mato arranca de uma vez. É difícil ter que tomar a erva mais de uma vez e o comprimido é todo dia. O bom é o que vem do mato, tem tanta erva de remédio no mato!



Quando alguém adoecia ia para o mato e se morria era porque Deus tinha marcado.





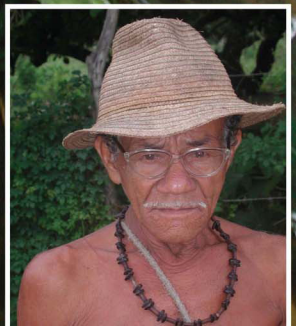




Pau ferrinho serve para muita coisa, limpar o sangue, feridas e catarro.

Leite de peito serve para dor de ouvidos e para pancada nos olhos. E sempre tem porque o índio não deixa de produzir, se não tem aqui tem acolá e as mulheres não negam.

Seu Antonio é morador de Pau Ferro. Ttem 76 anos e mais de 10 filhos.



Batiko

Marcelo na Lagoa do

Eu sou e serei índio até o dia que o Pai Tupã quiser.

Hoje, nós estamos livres como um pássaro para voar, brincar, correr, sorrir, prosar com os colegas. Por isso, eu digo que índio é aquele que preserva a sua cultura e que sente orgulho de ser índio. Índio não é aquele que diz que é índio, mas que não vive seus costumes. Diz que é índio, mas, no fundo, não quer ser.

Yandé
22 anos



Buá



Nós nos consideramos um povo diferenciado.

Essa diferença não significa defeito, apenas uma raça, que não é melhor nem pior que as outras. Somos todos iguais.
O mesmo direito que o pessoal não-índio tem na lei nós índios também temos.

Zé Gentinha
28 anos

Roda é Alegria

Tem também a Roda, nas noites de lua, que é o divertimento da mães de família, adulto e jovem, era uma alegria, não existia instrumento, era só cantar e bater palmas.

Seu Bonifácio

Meu rodeio-e meu rodeio-a
Quero ver rodar morena
e quero ver balancear
Esta casa e bem feita
por dentro e por fora não
Por dentro cravo de rosa
e por fora manjericão
Meu rodeio-e meu rodeio-a
Quero ver rodar morena
e quero ver balancear
Fui a fonte beber água
e não achei o que beber
Bebi suor de teu rosto
para hoje padecer
Meu rodeio-e meu rodeio-a
Quero ver rodar morena
e quero ver balancear
Fui a fonte beber água
e bebi água de sabão
Bebi suor de teu rosto
pra alegrar meu coração

Tem também a

ZABUMBA

Eu sou o mes-tre da zabumba, eu faço ela e toco e já ensinei os jovens, eu faço ela com madeira de Tamboril, com couro de carneiro, nós tocamos nas festas, na véspera da primeira noite fazemos uma roda na rua, soltamos uns foguetes e voltamos para a igreja de novo e quatro horas da manhã começa de novo, faz a matina, faz uma obrigaçãozinha com vinho de borerei, toreré (milho com açúcar), aí é o dia tocando, um pouquinho de zuru (cachaça), cantar e orar para Deus, TUPÃ, é oração. Casamentos também têm zabumba, são no mesmo estilo que a primeira noite, tem igual no dia 12 de Novembro como parte da festa da Reconquista.

Seu Vital



Até hoje a gente vem usando nossa tradição, tanto faz no sol como na chuva.
De noite fazemos nosso ritual, que a gente nunca abandonou e não vamos abandonar, porque é a nossa segurança.

O TORÉ significa, para nós, uma oração.
Cada canto é uma oração que traz a saúde da gente.
Nós temos todo sábado nossa dança de ritual, onde todos os índios Kiriri estão presentes, de grande a pequeno, o Pajé, o Cacique, os conselheiros, estamos todos lá, pedindo a Deus que nunca acabe nosso TORÉ, nossa força.

Quando comecei a cantar eu já sabia um pouco, vamos dizer, eu já nasci com aquele saber e comecei minha carreira e até hoje estou nessa função de cantar, como vice-pajé.
Tem também mais jovens que cantam na frente, além do Pajé.
A gente canta e os que vêm atrás respondem.



Tem cantos que a gente pede a Deus que nos dê a saúde e nos livre do mal.
Sempre teve nosso ritual. Antigamente a gente se danava lá no mato e agora que retomamos Mirandela nós dançamos porque estamos felizes, estamos com saúde e queremos daqui para frente mais melhorias. Queremos tudo de bom para aqui e nada de ruim.

Meu nome é Rubens e tenho 22 anos.

Eu mesmo estou muito feliz porque estamos resgatando a tradição, o TROPELO, que se chama TORÉ. Acredito que nós todos somos artistas, que nós temos nossas músicas, nossas vestes. Trabalho na nossa tradição indígena e estou feliz.
O índio faz parte das árvores, é uma semente que renasce.

Seu Bonifácio

Eu nasci e me criei
foi lá na mata
foi lá na mata

Eu cheguei pra trabalhar
na aldeia dos Kiriri

Eina a ei o
Eina a ei o

Eu nasci e me criei
foi lá na mata
foi lá na mata

Eu cheguei pra trabalhar
na aldeia dos Kiriri

Eina a ei o
Eina a ei o



No sentido que o branco ensinou

Antigamente a gente vivia de vender o dia ao branco por um pequeno preço. Quando o índio ia trabalhar na fazenda do branco, que estava na área indígena, chegava meio-dia e eles reclamavam aos índios dizendo: só tem as coisas se trabalhar!



E quando os índios foram pensar isso aí direito entenderam que para ter sua terra em mãos precisavam trabalhar, precisavam levantar de madrugada para buscar alguma coisa, andar nas carreiras, no sentido que o branco ensinou. Aí começaram as lutas das retomadas e, hoje, nós estamos com nossa terra.

Quando retomamos nossa terra a encontramos pelada, sem floresta, sem árvores, nua e, como a gente considera a terra como mãe, hoje nós estamos trabalhando para vesti-la, para ela poder dar mais conforto para nós, o remédio, o alimento, nossa roupa, tudo.



Minha escola é o mato

Meu nome é ***Ponheyeque***
que vem de uma erva que se chama TRENHÉ que usamos para nos defumar.



YANDÉ é uma planta que existe muito na minha reserva. Ela serve para a gente fazer os banhos, que servem para nos livrar das pessoas que querem nos fazer mal, do olho grande e da inveja.

Miredetemó dizé padizú rurá dizé!

Meu nome é Juliano, nasci no dia 04 de janeiro de 1980. No nosso idioma me chamo YANDÉ. Sou um jovem que luta pelos direitos da minha mãe terra.

Eu me lembro muito quando eu tinha seis anos, eu via o sofrimento do meu pai. Ele saía de casa, passava três dias sem voltar. A gente ficava sem saber o que tinha acontecido com ele. Quando ele voltava e mexia o prato e pegava a primeira mão cheia de brozocoxó (feijão) na boca, chegava a notícia: "Os posseiros já vem ali, vamos!", meu pai largava a comida e não tinha mais vontade de comer e também não dava mais tempo.
Assim ele voltava e passava mais três dias…
A gente naquela mesma preocupação, não sabia o que estava acontecendo. Ele retornava para casa e nós botávamos comida e ele comia só até o meio. "Vamos, vamos, os posseiros já vêm de novo!" E nós naquele sofrimento…
Um dia meu pai chegou para comer e nesse dia ele não teve nem tempo de mexer a comida.
Eu estava sentado em cima de um galho de pau e senti por dentro de mim mesmo. E pensei, do fundo do meu coração: "Creio em Deus, meu Pai Tupã, que é todo poderoso e criador do céu e da terra, que quando eu crescer eu vou lutar pela minha querida mãe terra".

Dos 13 aos 14 anos comecei a acompanhar as lutas junto do meu pai e dos outros índios. Nós jovens nos juntamos todos para discutir o que nós íamos fazer para ajudar os nossos pais. Pensamos primeiro: "Vamos resgatar a nossa cultura e tradição, que é a defesa do nosso corpo". Assim, decidimos e tudo ficou bem claro.
Nós todos sentíamos dentro do coração que eles já tinham sofrido muito e a gente não queria mais isso.
As armas que a gente usava para nos defender dos posseiros eram: ticirindezé buigu (arco e flecha), lança, puncô (machado), crenhenhê yanê (foice amolada), praticó (estilingue), dobe ou bogó (bolsa).
Um dia meu pai chegou p'ra mim e disse: "Meu filho, estou muito feliz por você estar lutando pelos direitos da nossa mãe terra, que nos dá tudo. A gente planta o brozocoxó, o maru (milho), a maniba (mandioca)". Da manioca (mandioca) se faz o toié (sussu/farinha) e o areró (beiju) para a gente se alimentar.
Assim continuou a nossa luta…
Hoje, graças ao nosso Pai Tupã, estamos com a nossa reserva limpa, sem nenhum posseiro; só os índios Kiriri. É dia e noite, na chuva e no sol, para nós é uma felicidade poder usar a nossa cultura, sem ter medo de ninguém. Andar na floresta, correr pela mata, buscar as medicinas do mato, caçar, é muito bom para a gente.

"Miredetemó dizé padizú rurá dizé!"

Assim você já está defendendo seu corpo, pedindo a Deus p'ra livrar das coisas ruins e que nos dê um bom dia.







Índia Kiriri

Sou índia Kiriri
Tenho orgulho de viver
Sou tronco de uma árvore
Sou forte pra valer.

Mãe natureza

É linda a mãe natureza
Terra amada pulsátil
Em circular movimento
O coração do Brasil
Nas veias fontes rios
Irrigando seios montanhas
Enfeita todas as paisagens
Encantam e encantam
Ao canto.



Ser Kiriri

Ser Kiriri
É formar um caracol
Ser um peito sem anzol
É passar o seu trupelo
Até o nascer do sol!

América

O Brasil que a gente quer

A verdade que nós índios do Brasil
Queremos um país sem miséria, sem
fome, sem exploração
Queremos um país livre.

Adjaime índio Kiriri







Os Kiriri me provocam muitas reflexões.
Os índios Kiriri, para mim, entenderam que, para se defender do mundo atual, só seria possível partindo dele mesmo.
Por milhares de anos só teve índios por aqui, mas depois uns brancos, apropriando-se de terras e vidas chegaram.
Parece que até O REI DE PORTUGAL como novo deus, depois de umas tantas guerras, doou um pedacinho de terras para uns caboclos.
Deixaram a lei solta nas redeas do dinheiro, as terras foram todas para as mãos dos fazendeiros...
Então, os Kiriri pegaram essas mesmas leis, esse mecanismo que o homem branco criou: A LEI ESCRITA, e, nutrindo-se na LEI DE DEUS, reconquistaram sua vida e aos poucos reconquistam a vida de sua Mãe Natureza.
Quando um povo faz isso não serve só para eles e sim, como exemplo.
Grato aos Kiriri pelas possibilidades de crescer,

Sebastián Gerlic



Parque da Cidade (Salvador - Ba) - Abril 2002



20.000 estudantes participaram dos e

ÍNDIOS NA VISÃO DOS ÍNDIOS é um canal de expressão para os índios que há mais de 500 anos são massacrados e excluídos. Um estímulo para todos nós aprendermos a viver como irmãos da Grande Família Humana.

Promovendo Encontros de Paz; Partilhas de Amor; Trocas de Sabedorias, o projeto vis melhorar as relações interculturais e trazer à consciência a importância de cuidarmos d nossa Mãe Terra.



Patrocínio do Bompreço, utilizando os benefícios do Programa Estadual de Incentivo à Cultura - Fazcultura - do Governo do Estado da Bahia.
Lei nº 7015/96 - Salvador - Bahia - 2003

Patrocínio: bompreço · FAZCULTURA Programa Estadual de Incentivo à Cultura · Governo da Bahia, Secretaria da Fazenda, Secretaria da Cultura e Turismo

Realização: THYDÊWÁ

Apoio: UNESCO

O resultado da venda dos livros será revertido em benefício das comunidades indígenas.